## "Com a eleição do novo Presidente dos Estados Unidos Barack Obama, surge um novo mito de reformação do Império: o mito do Multilateralismo, um novo esquema de relacionamento e de liderança do sistema-mundo mais participado, mais justo e mais democrático. A UDP considera que a tese do multilateralismo não passa de um mito, pois o Império Global não poderia sofrer tal reconfiguração sem que antes se verificassem enormes transformações na organização da economia global, na organização social e na divisão internacional do trabalho". A Direcção Nacional da UDP, reunida a 14 de Janeiro, aprovou um documento de análise à s evidÃancias que confirmam a tese do imperialismo global, à Europa em crise e à situação polÃ-tica em Portugal. G2 - G8 - G20 â€œO PODER USURPADO―

G2 - G8 - G20 'O Poder Usurpado'

21-Jan-2010

é marcada pela dominação de burguesias nacionais em permanente disputa pelo poder do Estado sobre os

1. Â O imperialismo global é o resultado da transnacionalização dos capitais e dos monopólios, numa era que já nã

monopólios. No Imperialismo Global, a globalização emergiu como o principal factor de reconfiguração do Império,

unindo as potÃancias contra todos os povos do mundo e não negava a existÃancia de rivalidades e contradições entre os principais agentes do Imperialismo, mas previa a conjugação de interesses em torno do capital apátrida que justificaria a continuação da Guerra do Império contra os povos. O mercado livre e a livre circulação de capitais são o Alfa e o Ómega da ideologia neoliberal e do Império global.

- 2. Â A UDP sempre recusou a tese de todos os que vislumbraram na ascensão dos BRIC uma formação de potências emergentes que, em oposição ao Império, estaria disposta a alterar a matriz de desigualdade inerente à s relações entre oprimidos e opressores imposta pelo Imperialismo Global. A formação do G20 e a afirmação do seu papel na gestão do Imperialismo derrubou a tese da existência de uma alternativa nos paÃ-ses emergentes.
- 3. Â JÃ; em 2009, com a eleição do novo Presidente dos Estados Unidos Barack Obama, surge um novo mito de reformação do Império: o mito do Multilateralismo, um novo esquema de relacionamento e de liderança do sistemamundo mais participado, mais justo e mais democrático. A UDP considera que a tese do multilateralismo não passa de um mito, pois o Império Global não poderia sofrer tal reconfiguração sem que antes se verificassem enormes transformações na organização da economia global, na organização social e na divisão internacional do trabalho.
- 4. Â A Cimeira de Copenhaga veio derrubar de uma só vez os dois mitos de reconfiguração do Império, demonstrando que os EUA permanecem na liderança da ofensiva contra os povos. Apesar disso, e porque o Imperialismo Global é compatÃ-vel com a conjuga§Ã£o de interesses entre potências, esta Cimeira foi também testemunha da ascensão do poder da China enquanto potência hegemónica. Esta Cimeira representa uma derrota para o G20 e para a Europa, arredados do grande poder de decisão. Surge assim o G2, uma nova détente de super potências no centro do Imperialismo, pejada de rivalidades e contradições, mas economicamente e financeiramente dependente.
- 5. Â Ligados pela avidez do capital transnacional, os dois paÃ-ses tornam-se assim parceiros nas grandes decisões que afectam o mundo, e é para eles que o Império se vira em busca de respostas para a crise global que se abateu sobre as economias. O centro do Império desloca-se para o Pacifico, minando ainda mais o papel da União Europeia no sistemamundo.
- 6. Â Embora em discreta competição, as duas potências não estão envolvidas num jogo de soma zero (por enquanto). Podemos até concordar que a China se afirma na proporção do declÃ-nio dos EUA, mas sabemos também que a posição hegemónica dos Estados Unidos está assente na sua capacidade militar, no seu "soft power" e na manutenção do dólar como moeda de reserva nacional e na sua valorização.
- 7. Â Sentados em cima de 739,6 biliões de dólares de tÃ-tulos do tesouro americano, da China depende agora muito do que vai determinar o peso do dólar num futuro próximo, e os EUA sabem disso. Paul Krugman, Nobel da Economia, considera que nos próximos dois anos o mercantilismo Chinós pode acabar por suprimir 1,4 milhões de postos de trabalho nos EUA. Não deixa de ser uma espécie de guerra fria financeira e social em que cada um tem capacidade de atacar o outro, numa ofensiva em que ambos, assim como a economia mundial e o centro do capitalismo, ficariam a perder. Os dois monstros estão por enquanto inter-dependentes, mas a China não vó interesse em estar sentada em cima de uma bomba-relógio e tem vindo a desinvestir na divida americana e a diversificar os seus investimentos.Â
- 8. Â Em posição de maior credora mundial (sendo os EUA os maiores devedores mundiais), foi a China quem estendeu a mão a paÃ-ses como a Rússia, o Brasil, a Venezuela ou Angola, (num total de \$135 milhões de ajudas financeiras) quando a crise impôs as dificuldades de liquidez e de acesso ao crédito internacional. Quando a crise estala, as potências unem-se para minimizar as perdas da Finança Global, e a China chega mesmo a investir para salvar a norte-americana Morgan Stanley. Foi, aliás, durante este perÃ-odo que a potência oriental somou pontos do chamado "soft power" e granjeou o reconhecimento de potenciais aliados.

9. Â O alinhamento no centro do Império é claro, e desmascara a cegueira do capital que sem pudor uniu o baluarte da economia de mercado à s últimas consequências do capitalismo e Estado. Mas o resultado não é matemático. Não é segredo que a China se constrói em cima de um abismo social profundo, embora não se espere que as eleições de 2012/2013 tragam alterações profundas. Por seu lado, o declÃ-nio dos EUA é inegável, mas Obama já se apressou a esclarecer o que é uma "guerra justa" e a lançar uma discreta ofensiva no Iémen, ao mesmo tempo que aprofunda a intervenção no Afeganistão e no Paquistão e permite as continuadas chacinas de Israel ao povo Palestiniano.

10. Â A crise provou que o Império tem capacidade de se reajustar de acordo com as necessidades do capital sem alterar aquilo que o define: a Guerra contra os povos do mundo. As potências imperialistas unem-se assim para salvar a finança e a banca internacional, para manter a desregulamentação da economia e a livre circulação de capitais, mas os povos continuam a braços com o aumento do desemprego (entre 219 e 241 milhões no final de 2009, mais 39 a 61 milhões comparativamente a 2007), da exploração e da proletarização gerais, como provam os últimos números da pobreza no mundo: 1,4 mil milhões de pessoas, a que se acrescenta mais 89 milhões de pessoas que poderão estar na pobreza no final da actual crise.

## A EUROPA EM CRISE

- 11. Â Com o deslocamento do centro da hegemonia mundial para o Pacifico, a GeopolÃ-tica dita que a União Europeia venha a aprofundar as suas debilidades e o seu entorpecimento polÃ-tico e económico.
- 12. Â ConsequÃancia do efeito borboleta, a crise fez-se sentir com toda a sua potÃancia na Europa (a semi-periferia sofre com o desaire do centro). Incapazes de encontrar uma solução comum para os seus problemas e tendo como Ãonico ideÃogo o BCE e a sua obsessão pela estabilidade de preços e o cumprimento do pacto de estabilidade, os paÃ-ses europeus embatem na fragilidade das suas economias e na crise social que devasta as suas populações, com a subida do desemprego, da precariedade e da pobreza.
- 13. Â â€œAs crises são inerentes ao capitalismo, representando momentos de destruição de capacidade produtiva, concentração de propriedade e capital e apuramento da classe burguesa. No entanto, apenas numa crise própria da globalização é que a crise financeira nos EUA poderia sacudir e varrer toda a Economia Mundial, tal e qual efeito borboleta― . Nessa altura, todos se perguntavam: terá o capitalismo capacidade de resistir? E como o fará?
- 14. Â A UDP considerou que: "em momentos de crise, os privados recorrem ao Estado e até pedem a intervenção seu braço na economia por uma razão muito simples: os privados não têm formas de regular o mercado.―, a resposta veio logo de seguida "a finança global terá como única frente de resistência a delapidação do Estado―. Assim aconteceu.
- 15. Â Através de uma gigante operação de financiamento do capitalismo, os Estados correram a injectar grandes quantidades de dinheiro na banca e nos investidores falidos, nacionalizando os prejuÃ-zos dos bancos e pagando a factura com capital público. Os povos pagaram a crise e atenuaram o seu impacto na grande finança global, permitindo fusões e a concentração de capital à s custas dos dinheiros públicos.
- 16. Â Ê Este súbito apelo ao Estado alterou momentaneamente o discurso das elites liberais, que depressa vieram exaltar o papel do Estado e culpar a irresponsabilidade de certos gestores do neoliberalismo pelo desastre mundial. Surgiram então os discursos inflamados dos lÃ-deres europeus a favor da regulação dos offshores, da limitação dos mercados de derivados e da diminuição dos bónus escandalosos dos administradores.
- 17. Â Passado um ano do estalar da crise, depressa a intervenção do Estado se tornou num breve parênteses na história do neoliberalismo. Já em Setembro, a Cimeira do G20 em Pittsburg empurrava para debaixo do tapete todas as promessas de regulação dos mercados de capitais para "não prejudicar a retoma das economias―. A pouco e pouco também os paÃ-ses europeus largaram a sua retórica, provando que as medidas prometidas não passaram de cosmética. Ficou tudo na mesma.
- 18. Â Com a banca em recuperação visÃ-vel dos seus lucros, apenas os Estados saÃ-ram verdadeiramente prejudicados desta crise. Ao utilizar os recursos públicos para salvar a finança, endividaram-se e viram crescer os seus défices, deixando as suas populações à mercê do desemprego e da precariedade. Depois da bancarrota da Islândia e das dificuldades no Dubai, os défices dos paÃ-ses mais pobres da Europa valeram-lhes uma avaliação negativa pelas agências de notação financeira, o que terÃ; como consequência maiores dificuldades na obtenção de crédito e um

aumento das taxas de juro. O caso da  $Gr\tilde{A}$ ©cia  $\tilde{A}$ © paradigm $\tilde{A}$ ¡tico, onde o risco de insolv $\tilde{A}$ ancia j $\tilde{A}$ ¡ levou ao congelamento de sal $\tilde{A}$ ¡rios.

19. Â Apesar disto, o FMI veio reafirmar a sua receita e aconselhar mais injecções de capitais públicos em instituiçõe financeiras. Na mesma linha, o BCE também já alertou para a necessidade de uma redução dos défices na zona euro até 2011. O que acontecerá então?

20. Â Sem capacidade para combater a crise social que se abateu sobre a Europa, e com a redução do défice em vista, os paÃ-ses europeus regressaram ao programa das privatizações e à paralisação do investimento público e dos apoios sociais. Como consequência, o desemprego em 2009 atingiu mais 5 mil de trabalhadores, situando-se nos 22,5 milhões, 80 milhões de pobres, dos quais 30 milhões são trabalhadores com salários baixos e 19 milhões de crianças Com uma provável imposição do cumprimento do PEC agravar-se-á a vertente social desta crise e as condições de vida dos povos da Europa.

21. Â Com uma posição internacional cada vez mais debilitada e a braços com tal crise económica e social, a Europa polÃ-tica submete-se, aprova o Tratado de Lisboa – cuja aprovação representa uma vitória da burguesia - e "elege" mais dois lideres fantoche, Catherine Ashton e Herman Van Rompuy que, como Durão Barroso, não serão mais do que peões no tabuleiro da alta burguesia europeia, dedicada ao modelo privatizador e à destruição do Estado Social na Europa.

PORTUGAL: A CHANTAGEM DA GOVERNABILIDADE

22. Â Tal como na Europa, também em Portugal o governo estendeu a mão à finança e aos bancos. Em 2009 ficaram conhecidos os casos do BCP, do BPN e do BPP a quem, devido a gestão danosa ou à própria crise financeira, o Estado concedeu empréstimos e assumiu os prejuÃ-zos. Desta forma, recursos de todos os portugueses foram utilizados para sustentar instituições que durante anos foram responsáveis por fugas de capitais para offshores. Entre Janeiro e Outubro de 2009 saÃ-ram de Portugal mais de 11,2 mil milhões de euros, aumentando as aplicações lÃ-quidas em 2,33 mil milhões de euros, ou seja, mais 12 vezes do que no ano anterior. Ao mesmo tempo, continuou a atribuição de bónus milionários aos seus gestores.

23. Â Apesar destes casos, e de toda a retórica nas primeiras páginas dos jornais, os dois partidos do centrão recusaram-se tomar medidas sobre o Offshore da Madeira, sobre a regulação e taxação do mercado de capitais, sobre o sigilo bancário ou mesmo sobre o enriquecimento ilÃ-cito. O governo do PS, com a conivência do PSD e do CDS, contribuiu assim para perpetuar a obscuridade que envolve o mercado de capitais e as operações financeiras, e, tal como todos os outros, optou por não agir a montante, sobre as causas da crise.Â

24. Â Em vez disso, o PS (jÃ; sem maioria absoluta) preferiu jogar à sua esquerda a carta da chantagem. Recusando-se a fazer acordos sobre polÃ-ticas ou medidas especÃ-ficas, Sócrates culpa o Bloco de Esquerda pela "ingovernabilidade†do paÃ-s.

25. Â Esta chantagem anti-democrática pretende impedir o Parlamento de cumprir o seu papel constitucional, culpando a oposição por ser oposição. Preferia o PS que o Bloco de Esquerda abandonasse o seu programa em favor da suposta "governabilidade―. Entenda-se aqui por "Governabilidade― a submissão à NATO e à polÃ-tica da Guerr com as medidas privatizadoras e com todos os requisitos da economia de mercado.

26. Â O PS tenta desta forma desviar do seu caminho a força politica que lhe impede de chegar à maioria absoluta, e acena com eleições antecipadas num claro golpe eleitoralista.

27. Â Neste quadro, o PSD não representa uma força de oposição de peso. O desnorte afecta por igual os dois

partidos do centrão. O PSD tem medo de ficar na fotografia como o responsável da ingovernabilidade do paÃ-s e, como Cavaco, o está mais preocupado com o endividamento externo do que com os 700 mil desempregados a quem os apoios sociais não chegam. E esta será, como foi nas últimas eleições, a grande disputa entre os dois partidos: a disputa pelo crédito e pelo acesso à banca entre o sector exportador e distribuidor e o sector da construção. Motivada pela escassez de liquidez na economia, a burguesia nacional divide-se entre os dois partidos do centrão, e é ela a dona do regime.

28. Â Quanto a Cavaco, é natural que com a perspectiva de ser reeleito aproveite esta instabilidade e o discurso da ingovernabilidade para encontrar apoio fora da sua base de direita, apresentando-se como garante da estabilidade do regime.

29. Â Consequência de todos estes factores, a acrescentar aos "casos― mediáticos, surge na população portuguma percepção difusa de que a "tal― crise de governabilidade está relacionada com uma crise das elites governantes facilmente confundida com uma crise de regime. Este sentimento é pasto fácil para o discurso populista de direita e é terra fértil também para o crescimento de tendências mais autoritárias e favoráveis ao centralismo, como o Presidencialismo.

30. Â A crise social atingiu nÃ-veis dramáticos, 700 mil desempregados, 2 milhões de pobres, a pobreza infantil atinge 23% das crianças, 140 mil trabalhadores que mesmo trabalhando são pobres pois têm um salário inferior a 310 euros, quase 2 milhões de pensionistas têm 384,72 euros/mês de pensão. As pensões reais continuam a diminuir e agora o governo PS assumiu o congelamento do Indexante de Apoios Sociais que abrange diversos subsÃ-dios (doença, social de desemprego, Complemento solidário para Idosos, rendimento mÃ-nimo), o que destaca a "marca desta governação» e espelha bem a verdadeira dimensão da crise do regime.Â

31. Â Apesar desta queda generalizada das condições de vida dos portugueses, e do claro ataque aos apoios sociais em tempos difÃ-ceis, a movimentação social apresenta-se hoje débil e fragilizada. A chantagem chega também aos desempregados e aos precários, através de um discurso que culpa os desprotegidos pela sua própria condição.

32. Â O Bloco de Esquerda tem nesta legislatura uma responsabilidade acrescida: aquela que lhe é conferida por mais de meio milhão de portugueses que votaram no seu programa. Aceder a convites do PS sobre polÃ-ticas que vão contra esse programa seria ceder à s ameaças dos verdadeiros donos do regime e entrar no jogo do PS. Desse sentido de responsabilidade resultou o voto do Bloco na discussão do Orçamento Rectificativo.

33. Â O compromisso do Bloco de Esquerda neste perÃ-odo de grave crise social terÃ; de ser com as medidas sociais sufragadas no seu programa e com os desempregados do paÃ-s. O défice da economia portuguesa e as medidas restritivas que se esperam da União Europeia levam a crer que a situação social tenderÃ; a agravar-se ainda mais. Perante este cenário, depressa o PS recuperará a sua agenda privatizadora dos serviços públicos e continuará de mão estendida à burguesia nacional. Cabe à esquerda assumir uma posição irredutÃ-vel na defesa dos trabalhadores e da classe explorada. Na luta contra os códigos de trabalho e por serviços públicos de qualidade, rejeitando as parecerias público-privadas, a radicalização à esquerda e a reivindicação firme de maior justiça na economia deverão continuar a ser os lemas.

34. Â É no quadro deste compromisso, e fiéis à nossa estratégia de acrescentar cada vez mais forças ao combate neoliberalismo, que abordaremos as próximas eleições presidenciais. Aumentar as contradições no centrão, libertando mais forças contra as polÃ-ticas liberais, é o nosso caminho.

35. Â A nÃ-vel Europeu o Bloco terÃ; ainda outro desafio a enfrentar. A grave crise económica e social que atravessa a U.E. demonstra a sua fragilidade polÃ-tica e estrutural, que nem a aprovação do Tratado de Lisboa ultrapassou. O centro da táctica deve continuar a ser a «defesa dos serviços público e contra a Nato», cuidando ao mesmo tempo

http://www.udp.pt Produzido em Joomla! Criado em: 7 November, 2025, 04:01

das reivindicações e da luta democrática. O desemprego e a precariedade devem ser temas de agregação social e confrontação polÃ-tica a nÃ-vel europeu. Tal como a UDP escrevia nas teses da última conferência, nenhum projecto socialista poderá ganhar força social sem que haja uma viragem à esquerda na Europa. A construção de uma esquerda europeia que alie todos os sectores socialistas e anti-capitalistas na defesa de uma Europa mais justa e mais democrática está ainda por se fazer. Só ela poderá surgir na primeira linha da luta por uma Europa Social, e o Bloco de Esquerda deverá assumir essa tarefa como sua prioridade.

Documento aprovado em Reunião da Direcção Nacional da UDP, em 14 de Janeiro de 2010

[1] "A Crise Global e as SaÃ-das à Esquerda – UDP – 03.10.2008

http://www.udp.pt Produzido em Joomla! Criado em: 7 November, 2025, 04:01